



CONCORDÂNCIA DA 1ª PESSOA DO PLURAL: O QUE DIZEM OS TEXTOS ESCOLARES?

Josenildo Barbosa Freire

Secretaria de Educação e Cultura do RN/SEEC

RESUMO

Neste trabalho objetiva-se descrever como ocorre a variação da primeira pessoa do plural em textos produzidos por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Busca-se apoio nos pressupostos teórico-metodológicos da proposta formulada por Labov (1963; 1966; 2008 [1972]), Tagliamonte (2006), dentre outros. O *corpus* analisado é constituído por 103 textos narrativos, produzidos por alunos de duas escolas públicas. As ocorrências das variantes foram codificadas e submetidas ao pacote de programa do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Os resultados apontam que há um processo de variação linguística envolvendo o uso da concordância verbal na escrita. Assim, pôde-se verificar que existem fatores sociais e linguísticos condicionando o emprego dessa variável; os achados também indicam que a prática pedagógica precisa ser sensível à diversidade sociodialetoal e sugerem uma organização dessas variantes em pelo menos dois blocos de comportamento sociolinguístico: variantes de maior prestígio social x variantes de menor prestígio e aceitação social.

Palavras-chave: Variação; Concordância verbal; Nós; Escrita.

ABSTRACT

In this work we aim to describe how occurs the variation of the first person plural in texts produced by students of the final years of Elementary School. We search support in the theoretical-methodological assumptions of the proposal formulated by Labov (1963, 1966; 2008 [1972]), Tagliamonte (2006), among others. The *corpus* analyzed consists of 103 (one hundred and three) narrative texts, produced by students from two public schools. The occurrences of the variants were coded and submitted to the Goldvarb X program package (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). The results indicate that there is a process of linguistic variation involving the use of verbal agreement in writing. Thus, we found that there are social and linguistic factors conditioning the use of this variable; the findings too indicate that pedagogical practice needs to be sensitive to the sociodialetoal diversity and suggest an organization of these variants in at least two blocks of sociolinguistic behavior: variants of greater social prestige x variants of lesser prestige and social acceptance.

Keywords: Variation; Verbal agreement; We; Writing.

Josenildo Barbosa Freire é professor de Língua Portuguesa da rede pública de Educação Básica na cidade de Pedro Velho.

E-mail: josenildo.bfreire@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Variar e mudar são propriedades inerentes às línguas naturais. Essa realidade pode ser verificada ao se analisarem os diferentes módulos das gramáticas. Assim, é necessário lidar com a variabilidade supraindividual.

Estudos liderados pela Sociolinguística, Dialetoлогия e Linguística Histórica já demonstraram que esses são campos de pesquisas que descrevem e analisam processos e fenômenos variáveis. Variedades sociais, espaciais/regionais e de tempo evidenciam que há um conjunto de normas sociais existente nas comunidades de fala.

Assim, em relação à concordância verbal não poderia ser diferente. Há diferentes normas sociolinguísticas que constituem esse subsistema flexional da língua. Seja ao se considerar a modalidade falada da língua, seja a modalidade escrita, sempre existiram normas. Contudo, cada norma é recoberta por um valor social, evidenciando que os usos linguísticos estão atrelados aos elementos socioeconômicos, culturais, interacionais etc. Parece que dizer “nós fomos” é mais prestigioso de que falar “a gente fomos”.

As diferentes pesquisas linguísticas já demonstraram que a língua falada é muito mais propensa ao uso de fenômenos variáveis. Contudo, pergunta-se: e a língua escrita? Geralmente, sendo um estilo de maior monitoramento e planejamento, não emergiriam formas variáveis que co-ocorram com aquelas que são tradicional e canonicamente apontadas como “corretas”?

Desse modo, neste trabalho, à luz da Teoria da Variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG (2006 [1968]; LABOV, 1963; 1966; 2008 [1972]) e em pesquisas anteriormente realizadas sobre o português escrito e falado no Brasil (AGOSTINHO; COELHO, 2015, por exemplo), objetiva-se descrever e analisar como se dá o emprego da concordância verbal da primeira pessoa em textos produzidos por

alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de duas escolas da rede pública de ensino, sendo uma pertencente à rede municipal e outra à rede estadual.

Diversos estudos já demonstraram que a baixa frequência de marcas de concordância verbal constitui “traços descontínuos” (BORTONI-RICARDO, 2004), vinculados diretamente a falantes oriundos da zona rural, com baixa escolaridade e localizados em regiões de baixo desenvolvimento e industrialização.

Nas últimas décadas, muitos alunos pertencentes a famílias de baixo poder socioeconômico ingressaram nas escolas públicas, e com eles vem sua variedade linguística, que apresenta formas estigmatizadas, sujeita à sanção e ao desconforto social. Por exemplo, a não realização da concordância verbal nos moldes canônicos está inserida nesta discussão. Os nossos alunos fazem sim a concordância verbal, mas utilizando-se de outras formas linguísticas, que também têm plenitude formal (SAPIR, 1924) e potencial semiótico (FARACO; ZILLES, 2017).

Nesse sentido, considerando (i) que concordância verbal de 1ª pessoa, no português do Brasil, é nos termos labovianos uma regra variável, (ii) que os verbos correspondentes aos sujeitos expressos ou nulos referentes a essa regra podem contribuir para redução dos morfemas verbais presentes e (iii) que a escrita, geralmente, é um estilo, em relação à fala, mais monitorado e planejado, procuramos responder neste trabalho: qual o comportamento da concordância verbal de 1ª pessoa nas produções textuais de alunos de duas escolas públicas?

Para alcançar esse objetivo, organizamos o trabalho nas seguintes etapas: na primeira seção, apresentamos o objeto de estudo e pesquisas já realizadas; na segunda, delineamos a fundamentação teórica adotada;



na terceira, apresentamos o nosso percurso metodológico e aspectos afins; na quarta seção, descrevemos e analisamos os dados e, por fim, apresentamos as considerações finais.

1 OBJETO DE ESTUDO

A variante canônica para fazer referência à primeira pessoa do plural, em português, é a forma pronominal “nós” ou até mesmo a sua co-ocorrente “Ø”. Está presente na fala culta do português do Brasil (doravante, PB) e constitui objeto de ensino. Portanto, nem seu uso nem seus usuários sofrem sanção ou desconforto social.

Todavia, variar e mudar são propriedades constitutivas das línguas. Segundo Lopes (1998) e Freitag et al (2016), há no português atual uma sistemática preferência pela expressão “a gente” – forma típica para uso de terceira pessoa do singular – para se referir à primeira pessoa do plural, ocorrendo, dessa forma, processos variáveis no PB.

Viana e Lopes (2015) já atestam que as investigações linguísticas envolvendo a variação entre “nós” e “a gente” caracterizam esse processo como mudança linguística que vem se verificando no falar brasileiro. Assim, nesse texto, as referidas autoras realizam um mapeamento sociolinguístico das diversas pesquisas já empreendidas nas regiões do Brasil e chegam à conclusão de que o fenômeno em discussão está em estágio bem avançado, mais do que o imaginado, havendo sinais claros de que também se trata de variação diatópica. Essa última afirmação é, também, corroborada pelos estudos de Freitag et al (2016) no falar do Rio Grande do Sul.

Os usos linguísticos e os falantes podem sofrer avaliação negativa. Ainda segundo Viana e Lopes (2015), a expressão “a gente” cada vez mais recebe menos avaliação negativa da comunidade e, dessa maneira, figura nos mais diversos gêneros textuais/discursivos que circulam em diferentes esferas comunicativas,

contornando desde textos mais informais aos mais monitorados.

A literatura específica (ZILLES, 2005; SANTOS, 2014; VIANNA, 2015, MENDONÇA, 2016) atesta que a expressão “a gente” é favorecida na fala de informantes do sexo feminino. Freitag et al (2016), por exemplo, verificaram em seus dados que o percentual de ocorrência dessa variante linguística em detrimento da forma pronominal canônica alcança índices de 83.4% em todo o *corpus* pesquisado e que há predominância de “a gente” em todos os contextos analisados (variável tipo de coleta), ou seja, em entrevistas e em situações de interação.

Mesmo com os achados das pesquisas sociolinguísticas em que se toma por base a produção acadêmica dos últimos 30 anos, as gramáticas tradicionais ainda não captam essa variação, tampouco reconhecem o estatuto pronominal da expressão “a gente”. Realidade não só verificada com esse processo variável, mas, também, com outros fenômenos sociolinguísticos.

A seguir, apresentamos a fundamentação teórica adotada neste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: TEORIA DA VARIAÇÃO

As pesquisas variacionistas de cunho laboviano ganharam maior repercussão a partir dos trabalhos pioneiros em duas comunidades de fala: na ilha de Martha’s Vineyard, ao estudar o processo de monotongação dos ditongos /ay/ e /aw/, demonstrando que a centralização destes ditongos tem uma motivação social, e em Nova York, ao pesquisar a estratificação social de /r/ nas lojas de departamentos dessa cidade (LABOV, 1966; 2008[1972]).

Assim, de modo geral, podemos verificar que a grande contribuição de Labov está em defender que o componente social constitui fator central para a explicação de fenômenos



sociolinguísticos em qualquer comunidade fala. Neste sentido, as categorias sociais como sexo, idade, nível de escolaridade, local de origem, atitude positiva ou negativa, dentre outros, são restrições que condicionam a forma de falar. Além disso, posteriormente, percebemos que os estudos sociolinguísticos lançam mão do uso de modelos quantitativos para explicar a probabilidade de aplicação ou não de uma regra variável X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Hernández Campoy e Almeida (2005), ao traçarem o contexto de origem da Sociolinguística, destacam que ela se insere no marco filosófico-cultural (paradigma funcional) pertencente ao modelo hegeliano em oposição ao modelo cartesiano, principalmente por articular forma e função e ao admitir a natureza predominantemente social da mente.

Ainda segundo Hernández Campoy e Almeida (2005, p. 01), “[...] a sociolinguística es una ciencia interdisciplinar que se ocupa de las relaciones existentes entre el lenguaje y la sociedad”. Nessa mesma linha de pensamento, quanto à definição de Sociolinguística, Berutto (1979, p. 14) afirma: “es una disciplina autónoma dentro de ciertos limites (desde luego, teniendo en cuenta que se trata, de todos os modos, de una disciplina que estudia fenómenos de carácter netamente diverso – la lengua y la sociedad”. Wardhaugh (2010, p. 12) confirma: “sociolinguistic is concerned with investigating the relationships between language and society with the goal being a better understanding of the structure and how languages function in communication”.

O surgimento da Sociolinguística está ligado a diversos acontecimentos e movimentos teóricos que se impuseram como respostas às necessidades de se compreender o aspecto e a dimensão social da língua. Nesse sentido, Hernández Campoy e Almeida (2005) enumeram algumas causas que possibilitaram

o aparecimento da Sociolinguística como área de estudo da língua em seu contexto social.

Para esses autores, por exemplo, contribuíram para a origem da Sociolinguística: a ruptura epistemológica das teses kuhnianas apoiada pela revolução científica e pela adoção de um novo paradigma; as crises de concepções historicistas e o surgimento do neopositivismo, após a Segunda Guerra, com a revolução quantitativa, que produziu efeito sobre os estudos das áreas humanas, sobretudo, ao incorporar o empírico, a experiência e rejeitando a intuição e o conhecimento introspectivo (reação a Saussure e Chomsky, no campo linguístico); e a redefinição da Dialectologia Tradicional, da qual se reconhece que Labov é tributário, mas com os efeitos do êxodo rural, possibilitando o surgimento de novas cidades, que se constituíram em centros urbanos industrializados.

Assim, ocorreu o aparecimento de novos estratos sociais que condicionaram o uso linguístico, como o fator classe social, diferentemente de se estudar a variação apenas na perspectiva diatópica como fazia a Dialectologia. Desse modo abre-se o espaço, especificamente na Linguística, para a pesquisa de campo, possibilitando o estudo da língua falada em diferentes comunidades de fala.

Por sua vez, Bortoni-Ricardo (1996) aponta que o desenvolvimento e a expansão dos estudos sociolinguísticos nas vertentes variacionista, etnográfica ou interacional apoiaram-se em pressupostos testados empiricamente em diferentes investigações alicerçadas em três premissas centrais que possibilitaram o surgimento da Sociolinguística como macroárea interdisciplinar no interior das teorizações da Linguística. São elas: a evolução do conceito de relativismo cultural, a heterogeneidade linguística inerente e a forma e função linguística em relação dialética.



Reconhecemos que longo foi o percurso realizado pelos estudos linguísticos que possibilitou o florescimento e a consolidação da concepção de língua como realidade eminentemente social. Na primeira metade do século XIX, predominaram os estudos realizados sob a égide da Linguística Histórica; já na década de 1970, resplandeceu a abordagem neogramática de análise linguística; por volta do início do século XX, a perspectiva estruturalista (SAUSSURE, 1916) repercutiu fortemente sobre as pesquisas nas áreas das Ciências Humanas; e ainda na década de 50 desse século, o ideário do modelo gerativista (CHOMSKY, 1965) ganhou espaço sem precedente na teoria linguística.

Porém, ainda faltava uma abordagem de língua de cunho social do uso linguístico tomado por condicionamento, simultaneamente, linguístico e social, que ainda não havia sido compreendido como elemento central. Claro que a luta por uma concepção social de língua já se havia iniciado anteriormente, como, por exemplo, nas numerosas insistências de Meillet (1866-1936), dentre outros que evidenciaram distintas temporalidades que existem sobre as ideias linguísticas e contribuíram para o estabelecimento da concepção de língua como realidade social.

Ocorre um salto de qualidade: a língua, que é reconhecida como uma forma de comportamento social entre os falantes de uma dada comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]), saiu de uma circunscrição de análise imanentista, ou uma competência internalizada, ou da visão neogramática e comparativista, para ser estudada em contextos reais de usos sociolinguísticos. Desse modo, Labov saiu da Linguística a-social e propõe a Linguística Social (Sociolinguística), uma vez que a nova concepção de língua implica necessariamente um tipo de Linguística. Assim, o ponto de vista cria o objeto (SAUSSURE, 1916).

Entendemos que esse salto reside no fato de os estudos sociolinguísticos e o próprio Labov apontarem que “a língua não se ‘localiza’ na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falante” (MENDES, 2013, p. 113). Labov consegue superar o longo caminho central da teoria linguística invariável ao propor um modelo capaz de explicar as diferenças dos elementos não universais e a variação linguística nas línguas naturais.

Bright (1974 apud ALKMIM, 2001), ao caracterizar a nova área de estudos linguísticos, afirma que a tarefa proposta para a Sociolinguística é exibir a covariação sistemática que ocorre nas variedades linguísticas e sociais. Entende-se que essa definição, no interior da Linguística, só pode ser vislumbrada ao se estudar a língua em seu contexto social: situações concretas de língua falada por sujeitos reais que interagem intencionalmente por meio de uma variedade linguística.

A seguir, apresentamos os aspectos do desenho metodológico deste trabalho.

3 CORPUS E METODOLOGIA

O *corpus* foi constituído de 115 textos narrativos, especificamente pertencentes ao gênero textual/discursivo relato, produzidos por alunos de duas escolas da rede pública de ensino, sendo uma da esfera municipal e outro da esfera estadual. Os alunos cursavam do 6º ao 9º do Ensino Fundamental. Contudo, durante a coleta e codificação das ocorrências, doze textos foram retirados, pois não apresentaram nenhuma frase relacionada à concordância da primeira pessoa do plural.

A Escola 1 de número identificador pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) nº 24062200 e, a Escola 2, código INEP 24062405, são situadas na zona urbana de duas cidades do interior do Estado do Rio Grande do Norte, respectivamente, Montanhas e Pedro Velho.



Os textos foram produzidos na disciplina de Língua Portuguesa/Produção de Textos no ano letivo de 2017, sob a regência do autor deste trabalho, a partir do protocolo no qual os alunos participantes teriam que relatar/narrar uma viagem significativa e marcante de que já haviam participado. A escolha desse gênero textual/discursivo deve-se ao fato de os gêneros textuais/discursivos, sendo entidades sócio-discursivas ou práticas sócio-históricas, podem permitir a emergência de variantes linguísticas de baixo prestígio social.

Em relação ao envelope de variação, controlamos as seguintes variáveis dependentes:

- 1) Pronome de 1^o pessoa + verbo correspondente no plural;
- 2) Pronome de 1^o pessoa + apagamento de morfema modo-temporal –mos;
- 3) Pronome de 1^o pessoa + apagamento de morfema de plural –s;
- 4) Expressão pronominal “a gente” + verbo no singular;
- 5) Expressão pronominal “a gente” + verbo correspondente no plural;
- 6) Sintagma nominal + eu + verbo correspondente no plural; e
- 7) Sujeito não explícito.

Já no que diz respeito às variáveis independentes:

Sociais: sexo dos informantes (masculino x feminino); idade (dividida em dois fatores: 11 a 14 anos; e 15 a 18 anos); ano escolar (6^o, 7^o, 8^o e 9^o) e tipo de escola (estadual x municipal).

Linguísticas: estrutura verbal (simples x composto); posição do acento (paroxítono x proparoxítono), tempo verbal (pretérito, presente e futuro), conjugação verbal (1^a, 2^a e 3^a) e contexto seguinte (vogal, consoante e pausa).

As ocorrências das variantes foram codificadas e submetidas ao pacote de programa do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o qual forneceu o peso relativo que foi tomado como parâmetro de aplicação ou não das regras variáveis analisadas. Esse programa toma como medida de aplicação o valor de peso relativo que se aproxima de 1,00; considera neutros os que se aproximam de 0,50 e desfavorecedores da aplicação da regra variável os que estiverem próximos de 0,00.

Na próxima seção, serão descritos e analisados os dados.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a submissão dos dados ao Goldvarb X, obtivemos 682 ocorrências das variantes encontradas. Os percentuais e variantes linguísticas estão exibidas na tabela 1 (próxima página).

Tabela 1 – Distribuição das variantes no *corpus* analisado

VARIANTES	FREQUÊNCIA/PERCENTUAL	EXEMPLO
Sujeito não explícito	414/682 = 60.7%	Viajamos!
Pronome de 1º pessoa + verbo correspondente no plural	87/682 = 12.8%	Nós fomos!
Expressão pronominal “a gente” + verbo no singular	76/682 = 11.1%	A gente jogou.
Sintagma nominal + eu + verbo correspondente no plural	42/682 = 6.2%	Meus amigos e eu fomos...
Pronome de 1º pessoa + apagamento de morfema modo-temporal -mos	40/682 = 5.9%	Nós estudaϕ
Expressão pronominal “a gente” + verbo correspondente no plural	15/682 = 2.2%	A gente saímos!
Pronome de 1º pessoa + apagamento de morfema de plural -s	8/682 = 1.2%	Nós pulamoϕ

Fonte: própria do autor

Os resultados apresentados na Tabela 1 indicam que nos textos analisados há o uso de diferentes formas linguísticas para realizar a concordância verbal da 1ª pessoa. Primeiramente, verificamos que as maiores frequências são das variantes consideradas canônicas: sujeito não explícito e pronome nós + verbo correspondente no plural; contudo, também observamos que a expressão pronominal “a gente” + verbo no singular teve seu espaço garantido: a terceira posição. Assim como o uso do sintagma nominal + eu, que ocupa a 4ª posição; logo em seguida, vêm as variantes que podem ser consideradas de baixo prestígio social, ou seja, aquelas em que ocorre o apagamento de algum elemento mórfico ou que a concordância verbal não é a esperada tradicionalmente.

Em segundo lugar, esses achados apontam para a organização dessas variantes em pelo

menos dois blocos de comportamento sociolinguístico: variantes de maior prestígio social x variantes de menor prestígio e aceitação social.

Desse modo, nossos resultados confirmam o que as pesquisas anteriores (ZILLES, 2005; SANTOS, 2014; LOPES 2015; MENDONÇA, 2016; por exemplo) já demonstraram: que o uso da variante canônica para fazer referência à primeira pessoa do plural, em português, co-ocorre com outras formas linguísticas, não só no âmbito da língua falada, mas também da língua escrita.

O Goldvarb X selecionou quatro variáveis como fontes de condicionamento sociolinguístico, duas sociais e duas linguísticas, do uso da concordância verbal nos textos analisados. Nesta análise, o valor de aplicação refere-se à variante pronome de 1ª pessoa (nós) + verbo correspondente no plural.



Nas tabelas seguintes, descrevemos e analisamos os resultados fornecidos pelo Goldvarb X.

Tabela 2 – Efeito da variável nível de escolaridade do falante sobre a concordância da 1ª pessoa do plural em textos escolares

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
7º Ano	15/120 = 12.5%	0.45
6º Ano	23/210 = 11%	0.46
9º Ano	17/176 = 9.7%%	0.42
8º Ano	32/176 = 18.2	0.63
Total	87/682 = 12.8%	

Input: – 248.627 / Significância: 0.171

Fonte: Elaboração do autor com os dados do corpus

De acordo com a Tabela 2, a variante pronome de 1ª pessoa (nós) + verbo correspondente no plural é favorecida nos textos produzidos por alunos do 8º ano escolar em detrimento dos outros anos de escolaridade, ou seja, aqueles que estão iniciando a etapa de sistematização/consolidação da educação fundamental, os anos finais, tendem a usar mais essa variante do que os dos outros anos escolares.

Contudo, esperávamos que esse favorecimento fosse maior no 9º ano escolar, já que é o de encerramento da etapa da educação fundamental. Os alunos dos 6º e 7º anos são, geralmente, aqueles que demonstram pouca consciência das diferenças dialetais, sobretudo, de traços linguísticos relacionados à concordância verbal.

Sendo assim, os alunos dos 8º anos, nesta pesquisa, demonstraram maior consciência linguística quanto ao uso da variante canônica para fazer referência à primeira pessoa do plural, em português, em detrimento de todos os demais pares.

Esses resultados ainda estão em consonância com aqueles encontrados por Agostinho e Coelho (2015) em relação ao uso do morfema –mos para concordância da 1ª pessoa do plural: também nesse estudo os alunos do 9º ano atingiram o peso relativo de (0.45), enquanto os do 8º atingiram (0.75), ou seja, o nível de escolaridade dos alunos dos 8º anos se mostrou um grupo significativo em detrimento dos alunos dos 9º anos.

Assim, interpretamos que o nível de escolaridade dos informantes se mostrou relevante para a aplicação da regra variável em estudo, constituindo uma forma de condicionamento de usos linguísticos.

Tabela 3 – Efeito da variável tipo de escola sobre a concordância da 1ª pessoa do plural em textos escolares

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Estadual	42/409= 10.3%	0.42
Municipal	45/273 = 16.5%	0.60
Total	87/683 = 12.8%	

Input: – 248.627 / Significância: 0.171

Fonte: Elaboração do autor com os dados do corpus

O tipo de escola foi a segunda variável social selecionada como fonte de condicionamento sociolinguístico. Verificamos, na Tabela 3, que os alunos oriundos da escola municipal em análise tendem a realizar mais a variante pronome de 1ª pessoa (nós) + verbo correspondente no plural do que os pertencentes à rede estadual, uma vez que o peso relativo de (0.60) constitui em índice de confirmação dessa proposição.

Entendemos que esse favorecimento decorra do fato de a concordância verbal ser um traço linguístico que distingue normas sociolinguísticas em diferentes comunidades de fala e, assim, os alunos da escola municipal investigada podem estar com maior consciência



desse fato do que seus pares da rede estadual de ensino.

Também podemos associar esse favorecimento à escola municipal ao fato de essa instituição realizar um cursinho de Português em turno diferente da aula regular e oferecer na grade curricular uma disciplina específica de Leitura e de Produção de textos, permitindo aos seus alunos maior contato com o texto escrito, diferentemente da escola da rede estadual.

Os resultados encontrados por Agostinho e Coelho (2015), no que diz respeito à variável tipo de escola, também se mostraram significativos: por exemplo, enquanto em Agostinho e Coelho (2015), a escola de maior privilégio, menos carente e localizada na área urbana, recebeu o peso relativo de (0.61), a escola de menor privilégio, mais carente e pertencente à área rurbana atingiu o percentual de peso relativo de (0.41), evidenciando que se trata de realidades sociolinguísticas diferentes, assim como nossas escolas analisadas nesta investigação.

A Tabela 4 exhibe os resultados referentes aos efeitos da variável posição do acento nos textos analisados.

Tabela 4 – Efeito da variável posição do acento sobre a concordância da 1ª pessoa do plural em textos escolares

FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Paroxítono	9/50 = 18.5%	0.48
Proparoxítono	78/632 = 12.3%	0.70
Total	87/682 = 12.8%	

Input: – 248.627 / Significância: 0.171

Fonte: Elaboração do autor com os dados do *corpus*.

A posição do acento foi a primeira variável linguística selecionada neste estudo. Assim, ao

observarmos a Tabela 4, verificamos que o fator proparoxítono favorece o uso do pronome nós acompanhado do verbo correspondente no plural em detrimento do fator paroxítono.

Nesse sentido, esse resultado aponta para uma possível harmonia existente entre o pronome pessoal nós e vocábulos como: íamos, tirássemos, estávamos, dentre outros, que fazem parte do *corpus* analisado. Assim, esses resultados evidenciam a força que a posição da sílaba tônica exerce sobre os usos linguísticos. Entendemos que o acento fonológico constitui um elemento que favorece a permanência dessa variante.

Diversos estudos (HORA, 2006; SÁ, 2007; FREIRE, 2016, dentre outros) assumem o favorecimento do fator sílaba tônica como possível influência que o acento fonológico exerce, principalmente, sobre a sílaba que o porta. Parece que é menos provável apagar segmentos e/ou processos pertencentes à sílaba tônica do que apagar segmentos da sílaba átona.

A Tabela 5 apresenta os resultados vinculados à variável tempo verbal.

Tabela 5 – Efeito da variável tempo verbal sobre a concordância da 1ª pessoa do plural em textos escolares

FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Pretérito	55/498 = 11.0%	0.47
Futuro	2/25 = 8.0%	0.33
Presente	30/159 = 18.9%	0.61
Total	87/682 = 12.8%	

Input: – 248.627 / Significância: 0.171

Fonte: Elaboração do autor com os dados do *corpus*.

A última variável selecionada, neste estudo, foi o tempo verbal. De acordo com os resultados exibidos na Tabela 5, há maior favorecimento da ocorrência da concordância



verbal da 1ª pessoa plural ao se usar a variante pronome de 1ª pessoa (nós) + verbo correspondente no plural, quando se tem o emprego de uma forma verbal no tempo presente.

Desse modo, entendemos que o favorecimento do uso do tempo presente está relacionado à materialidade do próprio gênero textual/discursivo que foi produzido para este estudo, ou seja, relatos pessoais que evocam por natureza fatos que se realizam no ‘agora’, no momento em que a enunciação se realiza nos textos produzidos, mesmo que tenham sido fatos realizados anteriormente.

Esses achados distanciam-se daqueles encontrados por Omena (1986: 1996), nos quais há o favorecimento da forma inovadora “a gente” quando ocorre ação no tempo presente ou em tempo não marcados, respectivamente, (0.55) e (0.83) de peso relativo, já se as ações estiverem no tempo passado ou no tempo futuro, acontece o inverso.

Na seção seguinte, apontam-se as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho descrevemos e analisamos o comportamento sociolinguístico da concordância verbal da 1ª pessoa do plural em textos escritos por alunos de duas escolas da rede pública de ensino e constatamos que há um processo de variação linguística envolvendo o seu uso. Assim, pudemos verificar que existem fatores sociais (escolaridade e tipo de escola) e linguísticos (posição do acento e tempo verbal) condicionando o emprego dessa variável.

Sendo assim, entendemos que a prática atual de ensino, para ser produtiva, deve ser sensível aos diferentes usos dialetais, já que a variação recobre não apenas a língua falada, mas também a escrita, fato resultante da própria heterogeneidade das comunidades de

fala. Essa realidade pode provocar uma nova postura pedagógica: forçará a conciliação entre saberes universais (como, por exemplo: regras de concordância verbal canônicas) e saberes locais (usos sociodialetais), uma vez que a heterogeneidade ordenada é constitutiva da língua.

De um lado, a variação na escrita pode ser entendida como evidência do efeito do ingresso das camadas populares à Educação Básica, fato que ocorreu nas últimas décadas; por outro lado, o uso linguístico constitui uma realidade eminentemente social: só se pode compreendê-lo adequadamente no e por meio de usos sociais. Contudo, admitimos que há outros efeitos da força de instrumentos linguísticos que atenuam a diversidade regional e social nas comunidades de fala.

Embora reconheçamos que incluir as variantes populares no contexto escolar ainda é um desafio, tanto para as instituições escolares que privilegiam o que se convencionou chamar-se de norma padrão, ou, nos termos de Faraco e Zilles (2017) “norma normativa”; como também para o professor que precisará reorganizar todo seu trabalho pedagógico. Porém, várias experiências, sobretudo testadas no âmbito da Sociolinguística Educacional (SIMÕES; SOARES, 2015), já testemunham que é possível.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento; COELHO, Izete Lehmkuhl. Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 79-122.
- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e**



fronteiras. v.1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-48.

BERUTTO, Gaetano. **La Sociolinguística**. Ciudad de México: Editorial Nueva Imagen, 1979.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O debate sobre a aplicação da Sociolinguística à Educação. In: BRANDÃO, Sílvia; OLIVEIRA, Maria Tereza Indiani de. (Org). **Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições da Sociolinguística**. Anais do Simpósio do GT de Sociolinguística da ANPOLL. p. 17-30. Rio de Janeiro: Timing Editora/UFRJ/CNPq, 1996.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT Press, 1965.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: caso das laterais /l/ e /ll/ no falar paraibano**. (Tese de Doutorado em Linguística-UFPB). João Pessoa, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTANA, Cristiane Conceição de; ANDRADE, Thais Regina Conceição de; SOUSA, Valéria Santos. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: Raquel Meister Ko. Freitag; Cristine Görski Severo; Edair Maria Görski. (Org.). **Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos**. São Paulo: Editora Blucher, 2016. p. 139-160.

HÉRNANDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; ALMEIDA, Manuel. **Metodología de la Investigación Sociolinguística**. Granada: Comares, 2005.

HORA, Dermeval da. Vocalização da lateral //l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, pp. 29-44, 1º Sem. 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. The social motivation of sound change. **Word**, n. 19, p. 273-307, 1963.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **D.E.L.T.A**, n. 14, v. 2, p. 405-422, 1998.

MENDES, Ronald Beline. Língua e Variação. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013. p. 111-136.

MENDONÇA J. J. **Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez**. Dissertação (Mestrado em Letras). 2016. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2016.

OMENA, Nelize Pires. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA, G. M. de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Org.). **Padrões Sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 183-215.

OMENA, Nelize Pires de. A referência variável de primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony Julius et al. (Org.). **Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**. n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. p. 286-311.

SÁ, Edmilson José de. **Variação do //l/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)**.



(Dissertação de Mestrado em Linguística). UFPE, 2007.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali e SMITH, Eric. **Goldvarb X**. Computer program. Departamento of Linguistics, University of Toronto, Canadá, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SANTOS, Kelly Carine dos. **Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SAPIR, Edir. O gramático e a língua. In: SAPIR, Edir. **Linguística como ciência**. Ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969 [1924]. p. 29-42.

SIMÕES, Luciene Juliano; SOARES, Simone Mendonça. Concordância nominal na fala infantil: implicações para a escola. In: ZILLES, Ana Maria Staahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 123-144.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

ZILLES, A. M. S. The Development of a New Pronoun: the Linguistic and Social Embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, n.17, v.1, p.19-53, 2005.

WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistic**. 6. ed. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

FREIRE, J. B. Concordância da 1ª pessoa do plural: o que dizem os textos escolares? **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 157-168, 2019.